Anais do Congresso Brasileiro de Iniciação Científica
(https://periodicos.unisanta.br/COB)

ISSN 2317-1316

SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DO VOLEIBOL ADAPTADO: DESENVOLVIMENTO DA COORDENAÇÃO MOTORA, COOPERAÇÃO E INCLUSÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

DIDACTIC SEQUENCE FOR TEACHING ADAPTED VOLLEYBALL: DEVELOPMENT OF MOTOR COORDINATION, COOPERATION AND INCLUSION IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY EDUCATION

Guilherme Raymundo Barbosa, Henrique de Souza Andrade Alves dos Santos; Raphaella Barra Grande Gomes Fernandes, Raphaela dos Santos Gonçalves, Carolina Rodrigues Lincoln-de-Carvalho, Marcio Rodrigues dos Santos.

Universidade Santa Cecília, Faculdade de Educação, Curso de Licenciatura em Educação Física.
E-mail para contato: ir210646@alunos.unisanta.br

RESUMO – A utilização de jogos adaptados na Educação Física Escolar constitui uma estratégia pedagógica relevante para favorecer a aprendizagem inclusiva dos conteúdos esportivos nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Este trabalho apresenta uma proposta de sequência didática voltada ao ensino do voleibol adaptado, utilizando materiais alternativos, como bolas de pilates e panos ou cangas, associados a dinâmicas cooperativas realizadas em duplas. O objetivo é analisar de que modo essas adaptações podem favorecer o desenvolvimento da coordenação motora global, da percepção espacial, da cooperação, da formação ética e da inclusão dos estudantes nas práticas corporais escolares. A proposta está fundamentada nas orientações da Base Nacional Comum Curricular, na abordagem crítico-emancipatória, na perspectiva desenvolvimentista e em princípios socioconstrutivistas da aprendizagem. A sequência didática foi organizada de maneira progressiva, ampliando gradativamente as exigências motoras e cooperativas até a realização de um jogo de voleibol adaptado. Os resultados esperados indicam que a modificação de materiais, regras e formas de organização pode reduzir barreiras relacionadas à execução técnica, ampliar as oportunidades de participação e favorecer o desenvolvimento de competências motoras, socioemocionais e éticas. Conclui-se que o voleibol adaptado pode contribuir para uma Educação Física Escolar mais inclusiva, participativa e comprometida com a formação integral dos estudantes.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; voleibol adaptado; jogos cooperativos; valores humanos; formação do caráter.

ISSN 2317-1316

ABSTRACT – The use of adapted games in School Physical Education constitutes a relevant pedagogical strategy for promoting inclusive learning of sports content in the early years of Elementary Education. This study presents a didactic sequence proposal for teaching adapted volleyball using alternative materials, such as Pilates balls and cloths or beach wraps, combined with cooperative activities performed in pairs. The objective is to analyze how these adaptations can contribute to the development of gross motor coordination, spatial perception, cooperation, ethical education, and student inclusion in school physical practices. The proposal is based on the guidelines of the Brazilian National Common Curricular Base, the Critical-Emancipatory Approach, the Developmental Perspective, and socioconstructivist principles of learning. The didactic sequence was organized progressively, gradually increasing motor and cooperative demands until the implementation of an adapted volleyball game. The expected results indicate that modifying materials, rules, and organizational structures can reduce barriers related to technical performance, expand participation opportunities, and foster the development of motor, socioemotional, and ethical competencies. It is concluded that adapted volleyball can contribute to a more inclusive and participatory School Physical Education committed to the comprehensive education of students.

Keywords: School Physical Education; adapted volleyball; cooperative games; human values; character development.

1 INTRODUÇÃO

A utilização de jogos adaptados na Educação Física Escolar constitui uma importante estratégia pedagógica para favorecer a aprendizagem dos conteúdos esportivos de maneira inclusiva. Essa abordagem possibilita que estudantes com diferentes níveis de habilidade motora participem ativamente das atividades, reduzindo barreiras relacionadas às exigências técnicas presentes nas modalidades esportivas tradicionais.

A Base Nacional Comum Curricular orienta que a Educação Física proporcione experiências corporais relacionadas ao desenvolvimento integral do estudante, contemplando dimensões motoras, cognitivas, afetivas e sociais e favorecendo o acesso às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento (Brasil, 2018).

Nessa perspectiva, o ensino das modalidades esportivas no ambiente escolar não deve restringir-se à reprodução das características do esporte de rendimento. As práticas corporais precisam ser adequadas aos objetivos educacionais, às condições dos estudantes e às possibilidades pedagógicas existentes no contexto escolar.

ISSN 2317-1316

Sob a perspectiva crítico-emancipatória, o esporte pode ser ressignificado para priorizar o processo educativo e a aprendizagem, em lugar da valorização exclusiva do rendimento e da seletividade esportiva. A transformação didático-pedagógica das modalidades possibilita que os estudantes compreendam, vivenciem e reconstruam as práticas corporais de maneira crítica e autônoma (Kunz, 1994).

Nesse contexto, alterações nas regras, nos materiais utilizados e nas formas de organização do espaço podem favorecer a inclusão, a cooperação e o protagonismo dos estudantes. A adaptação não descaracteriza necessariamente o conteúdo esportivo, mas permite adequá-lo às características do ambiente educacional.

O ensino da Educação Física também deve considerar as experiências prévias, as potencialidades e as diferenças individuais das crianças, criando situações pedagógicas nas quais elas possam aprender por meio do movimento e da interação com os demais participantes (Freire, 1997).

Diante dessas considerações, o objetivo deste trabalho é apresentar uma sequência didática estruturada para o ensino do voleibol adaptado nos anos iniciais do Ensino Fundamental, analisando suas possibilidades de contribuição para o desenvolvimento motor, socioemocional, ético e inclusivo dos estudantes.

A proposta utiliza materiais alternativos e dinâmicas cooperativas para modificar determinadas exigências técnicas do voleibol tradicional. Dessa maneira, busca-se ampliar a participação dos estudantes e construir situações de aprendizagem nas quais a cooperação e a resolução coletiva de problemas sejam componentes permanentes das atividades.a.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A sequência didática foi planejada em progressão metodológica, dividida em quatro etapas interligadas que aumentam gradativamente a complexidade motora e as exigências de coordenação e cooperação.

ISSN 2317-1316

2.1. Atividade 1 – Passe Cooperativo em Duplas

Inicialmente, os estudantes são organizados em duplas e orientados a permanecerem de mãos dadas durante toda a execução da tarefa. Dispostas em fila, as duplas recebem uma bola de pilates, que deve ser passada de uma dupla para outra sem que o contato entre as mãos seja desfeito.

Esta proposta visa desenvolver a coordenação motora global, a percepção corporal, a lateralidade, o equilíbrio, a orientação espacial e a comunicação interpessoal. A limitação física imposta pelo contato permanente exige planejamento motor prévio, sincronização interpessoal e cooperação contínua.

Como salientam Gallahue, Ozmun e Goodway (2013), as habilidades motoras fundamentais são consolidadas na infância por meio de vivências motoras diversificadas e ricas em estímulos. Quanto maior a variedade de experiências oferecidas, maiores serão as possibilidades de aprimoramento das capacidades coordenativas. Além do plano motor, Brotto (2013, p. 32) destaca o valor socioemocional dos jogos cooperativos ao afirmar que eles "promovem a aprendizagem compartilhada e substituem a lógica exclusivamente competitiva por experiências fundamentadas na ajuda mútua e na participação de todos".

2.2. Atividade 2 – Transporte da Bola com Panos

Mantendo-se a formação em duplas, cada equipe recebe um pano (canga de praia ou toalha) sobre o qual deve sustentar a bola de pilates. O desafio consiste em transportar a bola e efetuar sua transferência para a dupla seguinte sem permitir o toque no solo.

Esta etapa representa uma progressão metodológica em relação à atividade anterior, elevando a exigência motora. A atividade exige maior controle postural, coordenação bilateral, percepção espaço-temporal, equilíbrio dinâmico e sincronização rigorosa entre a dupla.

A literatura de aprendizagem motora sustenta essa organização progressiva. Conforme explicam Schmidt e Lee (2019, p. 112), "a aprendizagem motora ocorre por meio da prática organizada e progressiva, permitindo que os indivíduos aperfeiçoem seus padrões de movimento conforme aumentam as demandas da tarefa". Além disso, sob a perspectiva desenvolvimentista de Tani et al. (1988), o planejamento do professor deve respeitar as fases do desenvolvimento motor, oferecendo desafios compatíveis com o nível de maturação e capacidade dos alunos.

ISSN 2317-1316

2.3. Atividade 3 – Passes em Círculo

Na terceira etapa, as duplas posicionam-se em círculo no centro da quadra, executando passes de maior distância e utilizando os panos tanto para lançar quanto para receber a bola de pilates.

Essa atividade amplia as exigências de controle de força, precisão, tempo de reação, coordenação óculo-manual e percepção espacial. Ademais, fortalece a coesão do grupo, pois o êxito da tarefa depende do tempo exato de ação e da comunicação verbal e não verbal entre os participantes.

Do ponto de vista socioconstrutivista, Vygotsky (1998) ressalta a centralidade das interações sociais na aprendizagem:

A aprendizagem ocorre por meio das interações sociais e da mediação, sendo a cooperação um elemento essencial para a internalização de conceitos e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores (VYGOTSKY, 1998, p. 84).

O trabalho em duplas atua como espaço de mediação no qual alunos com maior domínio motor auxiliam os colegas no cumprimento das metas coletivas. No mesmo sentido, Darido e Rangel (2018) defendem que cabe ao docente criar cenários de aprendizagem que estimulem a autonomia, o pensamento reflexivo e a resolução conjunta de problemas.

2.4. Atividade Principal – Jogo de Voleibol Adaptado

Como culminância do processo, realiza-se uma partida de voleibol adaptado utilizando a bola de pilates e os panos para recepção e lançamento. Cada lado da quadra é ocupado por três duplas. A dinâmica segue adaptações das regras formally do voleibol tradicional para atender aos objetivos pedagógicos:

1. Não há realização de saque convencional; o jogo inicia-se com a posse de bola de uma das equipes.

2. Cada equipe deve, obrigatoriamente, realizar três passes entre suas duplas antes de enviar a bola ao campo adversário.

3. Vence a partida a equipe que contabilizar três pontos primeiro.

ISSN 2317-1316

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A simplificação e adaptação dos fundamentos técnicos do voleibol tradicional possibilitam a inclusão efetiva de alunos com diferentes níveis de habilidade, eliminando o sentimento de frustração comum ao modelo esportivo de alto rendimento.

De acordo com o Coletivo de Autores (1992, p. 51), "o esporte na escola deve ser compreendido como um conhecimento da cultura corporal que necessita ser adaptado às necessidades pedagógicas dos alunos, e não reproduzido acriticamente da esfera do rendimento". Ao ressignificar a modalidade, oportuniza-se ao estudante o desenvolvimento da autonomia e da reflexão crítica sobre a prática corporal (Kunz, 1994).

Em termos inclusivos, Soler (2005) reitera que as adaptações metodológicas são a chave para a consolidação de uma escola plural, pois garantem oportunidades equivalentes de participação e respeitam a diversidade dos ritmos de aprendizagem.

Além do desenvolvimento das capacidades coordenativas, a sequência didática do voleibol adaptado consolida-se como um espaço privilegiado para a formação do caráter e a vivência de valores humanos fundamentais na infância. Por ser um esporte coletivo em que a posse de bola não pode ser mantida individualmente, o voleibol exige, por natureza, a interdependência e a cooperação entre os praticantes.

Ao condicionar a dinâmica do jogo ao trabalho em duplas com tecidos e à obrigatoriedade de três passes coletivos, a proposta pedagógica contrapõe-se à cultura da seletividade e do egocentrismo. Consequentemente, estimulam-se atitudes de empatia, solidariedade, responsabilidade e respeito às diferenças individuais. A adaptação das regras ressignifica o sentido de vitória, deslocando o foco do rendimento individual para a construção coletiva e solidária do saber corporal, alinhando-se à formação moral e cidadã preconizada pela BNCC (Brasil, 2018).

A Tabela 1 sintetiza as dimensões de desenvolvimento contempladas na sequência didática proposta:

ISSN 2317-1316

Tabela 1 : Dimensões de desenvolvimento trabalhadas na sequência didática.

Dimensão	Capacidades, Competências e Valores Desenvolvidos
Motora e Coordenativa	Coordenação motora global, coordenação óculo-manual, equilíbrio dinâmico, lateralidade, percepção espaço-temporal, agilidade e controle de força.
Socioemocional, Cognitiva e Moral	Cooperação, empatia, solidariedade, respeito às diferenças, responsabilidade coletiva, comunicação assertiva, resolução conjunta de problemas e formação do caráter.

Fonte: Elaborado pelos autores com base na pesquisa (2026).

Essa articulação atesta que o esporte adaptado transcende a dimensão física, operando como vetor de humanização no ambiente escolar.

4 CONCLUSÃO

A sequência didática descrita evidencia que o voleibol adaptado representa um recurso metodológico altamente eficiente para a promoção de uma Educação Física inclusiva, participativa e alinhada às abordagens pedagógicas contemporâneas.

A utilização de materiais alternativos e a alteração da estrutura das regras diminuem as barreiras de execução técnica e maximizam o engajamento dos alunos do Ensino Fundamental I. A proposta reforça que o valor do esporte escolar reside na sua capacidade de socialização, na promoção da saúde, no desenvolvimento motor pleno e na construção de atitudes cooperativas, respeitosas e eticamente orientadas para a vida em sociedade.

5 AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), edição 2024-2026.

À Secretaria de Educação (SEDUC) da Prefeitura Municipal de Santos, pela parceria estabelecida com as escolas municipais.

ISSN 2317-1316

À Universidade Santa Cecília (UNISANTA), pelo apoio ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

6 DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Durante a elaboração deste trabalho, utilizou-se a ferramenta ChatGPT para apoio à organização textual e à sistematização inicial da literatura. O conteúdo gerado foi revisado, editado e validado pelos autores, que assumem total responsabilidade pelo texto final.

7 REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

Brotto FO. Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar. Santos: Projeto Cooperação, 2013.

Coletivo de Autores. Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

Darido SC, Rangel ICA. Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018.

Freire JB. Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

Gallahue DL, Ozmun JC, Goodway JD. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

Kunz E. Transformação didático-pedagógica do esporte. Ijuí: Unijuí, 1994.

Schmidt RA, Lee TD. Aprendizagem e performance motora. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

Soler R. Educação Física inclusiva: em busca de uma escola plural. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

Tani G, et al. Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU, 1988.

Vygotsky LS. A formação social da mente. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.